

Terminologia Geográfica

(continuação)

- TABAIACUS** — Recifes submersos, fundo de pedras, lajes sôltas ou esparceladas no mar, que ficam a certa distância do litoral, como, nomeadamente, entre nós, os que correm de norte a sul desde Ponta de Pedras até Tamandaré, e também conhecidos com o nome de tacis. Tabaiacus é um vocábulo de origem indígena, corruptela de *ita-baiacu*, pedras dos baiacus. (F. A. P. C.).
- TABARÉU** — Matuto, roceiro, o habitante do campo. (F. A. P. C.)
- TABATINGA** — Barro branco usado, diluído em água, como a cal, para branquear as paredes das casas. (F. A. P. C.).
- TABOCA** — Segundo informação de RUI PENALVA, é têrmo empregado no sul da Bahia para designar casa ou venda de pequeno negócio, o mesmo a que chamam em algumas zonas da Bahia — biboca. (B. de S.).
- TABULEIRO** — Palavra que tem no Brasil, várias acepções nos domínios da geografia e sôbre cujo emprêgo há um tanto de arbitrio entre os próprios geógrafos. No Nordeste, da Bahia ao Ceará, assim se denominam as planícies extensas ou planaltos ondulados em regiões de serras de altura mediana, de solo duro, arenoso ou pedregoso, coberto de relva dura, ordinariamente formando touças e raramente ilhotas arenosas de vegetação raquítica (LUETZELBURG). O sertanejo nordestino distingue o tabuleiro coberto do cerrado. O primeiro é uma região ondulada, coberta de capim, com vegetação arbórea e arbustiva baixa, em grupos distanciados. O tabuleiro cerrado apresenta vegetação mais densa, com árvores baixas, troncos curtos e irregulares, solo coberto de relva. BARBOSA RODRIGUES chama tabuleiro ao campo sôbre o planalto ou rechano. (B. de S.).
- TACIS** — O mesmo que tabaiacus. O vocábulo é corruptela de *ita-acir*, pedra pontuda, vindo daí o nome da povoação de Ponta de Pedras, onde começam os tacis ou tabaiacus submersos, correndo para o sul até Tamandaré. (F. A. P. C.).
- TALHADÃO** — Grande talhado, trecho de um curso de rio entre paredes verticais. (B. de S.).
- TALHADO** — Assim se designa, em certas partes do Brasil norte e centro, o mesmo acidente que a nomenclatura universal denomina *cañon*, isto é, garganta em meio da qual corre um rio, trecho de seu curso em que corre entre ribanceiras íngremes, alcantiladas, às vêzes a pique. O mais notável talhado ou *cañon do Brasil* é o do rio São Francisco e depois o talhado do Portão, por onde correm as águas do Maranhão, um dos esgalhamentos superiores do Tocantins, em Goiás. No Nordeste, porém, o têrmo talhado é empregado no sentido de aba pedregosa das serras. (B. de S.).
- TAMBUEIRAS** — Têrmo alagoano que apelida os aguaceiros acompanhados de trovão e relâmpago, que costumam cair em outubro. (B. de S.).
- TANGERINO** — Condutor de manadas de gado vacum do sertão para a zona da mata; tangedor de gado. (R. G.).
- TANQUE** — Além de ser empregado no sentido comum português, êste vocábulo designa no Nordeste, da Bahia ao Maranhão, açude, grande reservatório de águas nas fazendas ou nos campos, feitos pela mão do homem, para a quadra das sêcas. (LUCIANO DE MORAIS — *Serras e Montanhas do Nordeste*). (B. de S.).
- TAPAGEM** — Palavra que, em geral, se emprega em todo o Brasil no sentido de barragem de terra com que se represam rios, riachos e igarapés para conservar o peixe, armazenar água para o gado, irrigar terras de em tôrno, etc. No litoral maranhense, segundo nos informa ANTÔNIO LOPES, é curral de pescar, feito de varas. (B. de S.).
- TAREFA** — Medida agrária, ainda hoje usada no interior da Bahia, equivalente a 900 braças quadradas ou 4 356 metros quadrados. (B. de S.).

- TAURI — Vocábulo indígena, pelo qual os caboclos “designam certas extensões do Tocantins em que êste rio se divide em muitos canais, formando um labirinto entre ilhas e pedras. Significa múltipla divisão, pluralidade de canais, e associa uma idéia de perigo ou dificuldade. (B. de S.).
- TELHEIRO — Construção para fins diversos, e constante de uma certa área coberta, assentando esta sobre pilares ou esteios, tendo às vêzes de permeio um peitoril, com interrupção para a entrada e saída, como são assim dispostos os dos nossos antigos engenhos e olarias. (F. A. P. C.).
- TEMBÉ — Registado por TESCHAUER, que lhe dá o significado de despenhadeiro e o abona com o seguinte passo de ALFREDO D’ESCRAGNOLLE TAUNAY: “Cavalo e cavaleiro rolaram neste tembé, indo parar no abismo”. É vocábulo de origem tupi, que significa segundo TEODORO SAMPAIO, borda, margem, beira. (B. de S.).
- TENDA — Oficina de marceneiro, ferreiro, funileiro, sapateiro, etc. (R. G.).
- TERETERÊ — Têrmo do Pará, que nomeia os terrenos atolentos fofos, de mondongos e praias lodosas, segundo V. CHERMONT. (B. de S.).
- TERRALÃO — Têrmo paulista designativo do terral, brisa que sopra da terra para o mar (B. de S.).
- TERRA-ROXA — Designação que têm, em São Paulo e noutros estados das bacias do Paraguai e Uruguai, as terras formadas pela decomposição *in situ* das rochas eruptivas (diábase e porfírito) que se encontram em baixo (JOHN BRANNER — *Geologia Elementar* P. 17). (B. de S.).
- TERRA-PRETA — Na Amazônia, assim se designa “o terreno em que se encontram fragmentos de cerâmica indígena e onde deve ter sido antigo aldeamento silvícola. (B. de S.).
- TERREIRO — Certa área de terra, limpa, em frente à casa de vivenda de uma propriedade rural, ou de uma habitação qualquer. (F. A. P. C.).
- TIGUERA — Também tigoera (VALDOMIRO SILVA e TESCHAUER), têrmo do sul, de São Paulo até a região de Cima da Serra no Rio Grande do Sul, designativo de terras de roças, nas quais após a colheita das plantações, vingam plantas esporádicas e se põem a pastar os animais. MACEDO SOARES define: roça que foi, roça velha. AMADEU AMARAL diz simplesmente — lugar onde houve roça, depois da colheita VALDOMIRO SILVA escreve: canavial, arrozal, milhal ou planta de produção periódica, depois do corte ou colheita. (B. de S.).
- TÔLDO — Palavra hispano-americana, usada no Paraná e extremo sul do Brasil, para designar aldeia, maloca, taba de caboclos, já meio civilizados. BEAUREPAIRE-ROHAN regista o têrmo escrevendo: “é têrmo da América Meridional espanhola, significando barraca, choça ambulante, que serve de habitação aos índios. Tanto basta para reconhecer-se que o vocábulo tôldo, com a significação de aldeia, nos veio das repúblicas platinas. (B. de S.).
- TOMADA — Represa em um curso d’água, que permite a derivação de parte, ou do todo dela, para uso industrial. (R. G.).
- TOMBADOR — Também tombadouro, segundo o registo de MACEDO SOARES; encosta íngreme de uma serra ou colina, até de uma chapada. Têrmo de uso na Bahia e estados do Norte. (B. de S.).
- TOMBO — Nome que, em Minas Gerais e outros estados, se dá às cachoeiras altas, volumosas, em queda vertical; sinônimo de pancada, salto. Registado por NÉLSON DE SENA.
- TOMBA-LAS-ÁGUAS — O mesmo que tramba-las-águas, de uso no Maranhão e em Pernambuco. Neste estado, no distrito de Itapiçuma do município de Igarapé, em frente a Itamaracá, assim chamam ao encontro de duas marés que entram no canal de Itamaracá, o mesmo a que no tempo da colonização chamavam rio de Santa Cruz. “Navegando-se no canal apanha-se a maré num sentido até certo ponto e em sentido contrário noutro... Onde elas se encontram tem o nome de tomba-las-águas. (Informações de MÁRIO MELO). (B. de S.).

TORROADA — No Pará, designa as terras altas, cheias de bons seringais “a ilha Bacuri no Tocantins é rica em torroadas”. No Maranhão, segundo BEAUREPAIRE-ROHAN, assim chamam “as fendas que aparecem nos terrenos argilosos e alagadiços depois de secos, e que tornam difíceis e perigosos os caminhos. Confirma esta versão ANTÔNIO LOPES, profundo conhecedor do estado do Maranhão, acrescentando porém, que nas torroadas do Maranhão não dá vegetação, mesmo herbácea. À página 131 do profundo estudo de F. RAJA GABAGLIA: *As Fronteiras do Brasil*, lemos: “Nos campos argilosos e alagadiços há uma formação especial que dificulta o andar e o correr aos cavalos empregados nos serviços pastoris; são as torroadas, que se apresentam sob três aspectos. No primeiro, ao qual pertence verdadeiramente a denominação supra, os campos ficam cheios de montículos de 20 centímetros de altura, cobertos por pequenas touças de capim. Esta forma, conforme os estudos do Dr. VICENTE CHERMONT, é devida ao trabalho das minhocas (*Lombricus communis*), aparece também na Mexiana. No segundo aspecto, o terreno argiloso oferece-se todo cheio de fendas profundas e em virtude da dissecação do terreno pela fortíssima ação do sol; e no terceiro, cheio de depressões devidas ao passo do gado nos terrenos argilosos amolecidos no inverno e secos e endurecidos no verão. (B. de S.).

(continua)